

SESC ITAQUERA: UM EXPERIMENTO COM INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA SOBRE PRATICANTES REGULARES DE VOLEIBOL E FUTSAL

Mario Augusto Silveira¹

RESUMO

Estudo realizado no Sesc Itaquera em 2015 como trabalho de conclusão do curso Sesc de Gestão Cultural. Nele, a proposta foi refletir sobre os conceitos da disciplina Estudos da Diversidade, coordenada por José Guilherme Cantor Magnani na sua trajetória de pesquisa em Antropologia Urbana, bem como sobre o equipamento esportivo do Sesc Itaquera enquanto espaço que propicia a apropriação por diferentes grupos e formatos. Aprofundei o olhar sobre dois grupos bastante diversos e importantes para o funcionamento do equipamento: jogadores não profissionais de futsal e de voleibol, praticantes assíduos das dinâmicas de recreação organizadas pelo Sesc. Procurei evidenciar não só aspectos em torno das práticas esportivas, mas, sobretudo, as implicações em virtude das apropriações dos espaços da unidade pelos praticantes, buscando aprofundamento em questões como hábitos, trajetos, códigos e valores década grupo em suas relações internas e na convivência com outros grupos e funcionários da instituição.

Palavras chave: esporte, sociabilização, diversidade.

ABSTRACT

Study carried out at Sesc Itaquera in 2015, as a conclusion work for the Sesc Cultural Management Course. In it, the proposal was to reflect on the concepts of the subject of Studies of Diversity, coordinated by José Guilherme Cantor Magnani in his research trajectory in Urban Anthropology and the sports equipment of Sesc Itaquera, as a space that allows appropriation by different groups and formats. I took a closer look at two very different groups and important for the operation of the equipment: non-professional players of Futsal and Volleyball, practicing assiduous of the dynamics of recreation organized by Sesc. I tried to highlight not only aspects related to sports, but above all, the implications for the appropriation of the spaces of the unit by the practitioners, seeking to deepen in issues such as habits, paths, codes and values of each group in their internal relations and coexistence with other groups and staff of the institution.

Keywords: sport, socialization, diversity.

¹ Licenciado pleno em Educação Física pela UNIFMU; pós-graduado em Treinamento Desportivo, em Fisiologia do Exercício, em Gestão de Negócios do Entretenimento e especialista em Gestão Cultural pelo SESC SP. Supervisor de Programas Físico-esportivos do Sesc Itaquera. Email: marioaugusto@itaquera.sescsp.org.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um experimento cujo método possui inspiração etnográfica. Baseado em reflexões sobre conceitos da Antropologia abordados no curso de Gestão Cultural de 2014, organizado pelo Sesc SP e ministrado por José G. Magnani. Unindo o conceito *De Perto e de Dentro*, associado a estudos do lazer e ao uso do tempo livre, próprios do campo da Educação Física, e a instituição na qual trabalho, o Sesc, Unidade Itaquera, abre-se um interessante caminho sobre o cotidiano de alguns grupos que frequentam o local, os praticantes de voleibol e de futsal, com códigos, hábitos e interesses próprios. Questões que envolvem grupos praticantes de esportes já foram evidenciadas por M.P. Stigger:

A intervenção da Educação Física nos espaços urbanos requer a compreensão dos significados socioculturais desses fenômenos, o que, por sua vez, exige um método capaz de apreender as práticas corporais como produção e produtoras de sociabilidades (2007, p. 13).

O SESC

Instituição de âmbito nacional, de caráter privado, sem fins lucrativos, criada em 1946 e desde então mantida e administrada pelo empresariado do setor de comércio e serviços, o Sesc contribui para o bem-estar e a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores do comércio, de bens, serviços e turismo, de suas famílias e da comunidade em geral. O equipamento que foi alvo deste experimento é o SESC Itaquera, inaugurado em 1992, e que se diferencia em função da sua constituição espacial, um misto entre parque público, centro cultural, desportivo e clube campestre.

Historicamente, o Sesc Itaquera sempre funcionou como um grande parque capaz de receber públicos extensos, especialmente em finais de semana. Os frequentadores costumam se deslocar de diversas áreas da cidade com objetivo de desfrutar de um dia inteiro de lazer junto a uma grande área verde com equipamentos esportivos, culturais e de lazer, capazes de dar vazão a essa intencionalidade. Durante a semana, no entanto, o maior percentual de visitas devia-se ao processo de agendamentos de escolares. Com a criação de novas ações programáticas na instituição, a Unidade passa então, gradativamente, a incorporar novos programas sócio-educativos, ambientais, esportivos e artísticos, se aproximando das demais unidades da rede. Essa importante mudança de perfil criou, paulatinamente, novos modos de apropriação dos espaços do Sesc por parte do público, que, de maneira crescente, passou a frequentar a Unidade de modo mais permanente, em dias de semana e, obviamente, também nos finais de semana e feriados. O projeto arquitetônico de Eduardo de Castro Mello e Cláudio Cianciarullo possibilita que a Unidade Sesc Itaquera

funcione como um grande espaço de convivência, atualmente apoiado em uma gama de programações desenvolvidas de modo bastante descentralizado, com uma ocupação territorial ampliada em todo o equipamento.

DE PERTO E DE DENTRO

Começo explanando sobre o conceito *De Perto e de Dentro*, modo de pesquisa desenvolvido para captação de uma realidade em seus múltiplos contextos de atuação e uso dos espaços, procurando identificar padrões e regularidades que dominem nosso comportamento, com análises que valorizem diversos ângulos e escalas de observação.

Nesse sentido, compreendendo o Sesc Itaquera como um equipamento de lazer cujo espaço é apropriado de diferentes formas pelos frequentadores, busquei entender, por meio da realização de observação e entrevistas formais, como se dão as relações intragrupos e as características comuns ou não, em praticantes de atividades esportivas. O esporte que é gênese deste estudo é aquele que se dá no tempo do lazer, conceituado tecnicamente como Esporte Participação, ou Esporte para Todos, uma das premissas do Sesc em suas ações. Entre os principais valores implícitos nessa forma de se pensar o esporte estão: a garantia do acesso à prática esportiva independente de habilidade pregressa; a inclusão pelo esporte; o estímulo à participação da mulher; a formação diversificada e multi esportiva na primeira infância; a ampliação do repertório motor; o respeito às faixas etárias; e em especial, o estímulo à sociabilização entre as pessoas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos de Antropologia Urbana constituem-se como um braço da Antropologia Clássica, e tratam das relações humanas nas cidades. Tal linha surgiu nos Estados Unidos, mais especificamente na Escola Sociológica de Chicago, e no Brasil, na Escola Livre de Sociologia e Política – ELSP, fundada em 1933, em São Paulo. Entre seus principais alunos, podemos destacar Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e Sergio Buarque de Holanda. A trajetória da escola permaneceu inalterada até os anos 1950, quando passa a competir com a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH/USP, esta, com uma vertente educacional voltada à missão francesa capitaneada por Lévi Strauss.

A base dos estudos, até então, girava em torno de diferentes comunidades e movimentos relacionados a elas, como a migração japonesa, economia em sociedades tribais, estudos sobre um ginásio de esportes na periferia, entre outros. Contudo, novos estudos foram sendo escritos e no início dos anos 1980, muitos temas até então desconhecidos começavam

a fazer sentido para alguns pesquisadores, com destaque para os estudos sobre o lazer na cidade, que aparecem primeiramente em uma tese de José Guilherme Cantor Magnani, orientada por Ruth Cardoso, sobre o circo-teatro.

FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A discussão que será apresentada vale-se de quatro das categorias de análise propostas pelo professor Magnani em sua trajetória de pesquisa: Pedação, Trajeto, Mancha e Circuito. Por meio dessa orientação, correlacionamos essas categorias aos grupos que foram estudados pela pesquisa, os futebolistas e os voleibolistas. Outra questão relevante à pesquisa é o papel do Sesc enquanto espaço de sociabilidade em São Paulo, em especial no campo das práticas esportivas no exercício do lazer.

Pedação: designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que na família, porém, mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. “Espaço de mediação cujos símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que termina por atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpelação da sociedade mais ampla e suas instituições”(MAGNANI, 1998, p.116-117). A ideia de *pedação* é formada pelo território e pela relação social, na forma de uma rede que caracteriza o lugar como um local de encontro. Neste sentido, identifiquei os grupos de jogadores de voleibol e futsal como coabitantes de um *novo pedação*, constituído a partir da escolha da sua prática esportiva, da convivência entre as pessoas e do uso de equipamentos comuns, como o compartilhamento de quadras esportivas em um ginásio de esportes.

Mancha etnográfica: segundo Magnani (2012, p.94), “trata-se de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores”. A mancha tem a questão espacial mais ampla, o que facilita a circulação de pessoas com objetivos diferentes e sem qualquer laço de relacionamento entre as partes. Seja por competição ou complementação, as pessoas concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de suas atividades. Estabelecendo uma relação direta e caracterizando o Sesc Itaquera como uma grande mancha, temos um desafio a ser superado quando vemos múltiplos interesses coexistindo, ainda que, via de regra, com intencionalidades diferentes e baixo índice de sociabilidade para os de *fora* do pedação. Cada grupo

busca sua territorialidade, valoriza o isolamento e exige garantias de manutenção de seu *pedaço*, em detrimento dos outros interesses. Outro ponto importante segundo Magnani diz respeito à motivação das pessoas em frequentar uma mancha: “se sabe que tipo de pessoas ou serviços você irá encontrar na mancha, mas não quais, e é esta a expectativa que parece funcionar como motivação para seus frequentadores” (2012, p.95).

Trajeto: as pessoas circulam e determinam suas escolhas a partir de opções, respeitando determinada lógica. Um olhar mais apurado consegue detectar que os caminhos dentro de cada pedaço e mancha não são aleatórios, mas fruto de intenções periódicas no interior desses grupos. Tais trajetos conectam pessoas a grupos e equipamentos, e entendê-los do ponto de vista dos dois públicos que são alvo deste estudo pode facilitar uma compreensão mais profunda e nos ajudar a propor, intencionalmente, a realização de outras atividades em trajetos já reconhecidos.

Circuito: “Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou oferta de determinado serviço em estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais” (Magnani, 2012, p.97). Desta forma, por correlação com os estudos etnográficos, o Sesc como instituição que fomenta o lazer em suas unidades pode ser caracterizado na cidade como um grande circuito de equipamentos de lazer. Olhando ainda mais *De Perto e de Dentro* para as práticas esportivas, e a partir de relatos dos frequentadores do Sesc Itaquera, percebemos também o desenho de um circuito externo, específico para interessados em praticar regularmente determinadas modalidades esportivas.

Segundo alguns entrevistados, esse circuito é formado por algumas unidades do Sesc da capital paulista em dias alternados na semana, criando uma agenda semanal completa e acessível que favorece a sociabilidade por meio do esporte e que, segundo os participantes, possibilita a melhoria técnica no jogo pelo contato frequente com a modalidade. Descobrimos que no caso do voleibol fazem parte do circuito as unidades Pompeia, Consolação, Pinheiros, Belenzinho, Vila Mariana e Itaquera, estabelecidas como pontos de referência para os praticantes dessa modalidade.

PERCURSO METODOLÓGICO

Gostaria de considerar o presente estudo como uma *experiência com inspiração etnográfica*, embora o mesmo não tenha sido realizado com o rigor que as pesquisas etnográficas ou antropológicas exigem. De qualquer

forma, o objetivo era mergulhar numa *experiência de campo* e utilizar os princípios do *olhar no campo*. Para tanto, escolhi observar melhor dois grupos: o dos futebolistas e o dos voleibolistas, públicos regulares das ações esportivas do Sesc Itaquera. Durante as observações, sempre me apresentei utilizando crachá do Sesc, pois muitos já me conheciam e seria muito deselegante tentar passar-me por usuário. As observações foram captadas sem gravador e apenas com um caderno de campo, tendo a intenção de ser bastante amigável.

HISTÓRIA DOS PROCESSOS DE RECREAÇÃO ESPORTIVA NO SESC ITAQUERA: CONCEITOS DE RECREAÇÃO LIVRE E ORIENTADA

No Sesc Itaquera, os espaços esportivos desde sua inauguração tiveram como importante característica a autogestão, ou seja, o público se apropriava de alguns espaços e os gerenciava à sua maneira, de acordo com seus interesses, fossem eles individuais ou coletivos. Gradativamente, as equipes de campo foram percebendo nessas ações mediadas pelo público uma ligeira inversão de valores, visto que em espaços mediados pela instituição os valores do esporte estavam bastante presentes, e em outros espaços, não mediados, havia alguns aspectos a serem trabalhados, como o do fortalecimento de conceitos democráticos de participação e o da convivência pacífica. Percebeu-se que pequenos grupos estabeleciam as normas de funcionamento e a maioria do público participava de acordo com esses preceitos desenvolvidos pelo grupo. Com o passar do tempo e com aumentos significativos do número de funcionários da unidade em campo, o Sesc foi estabelecendo seu papel como mediador das ações realizadas, de maneira a intensificar seus valores, tão caros para a instituição e para a dinâmica da unidade Itaquera. No atual momento, em 2017, há uma tendência de mediação da equipe de programação na grande maioria dos espaços da unidade, em especial nos dias de maior concentração de público, como finais de semana e feriados.

AGOSTO DE 2014: ALINHAMENTO DA POLÍTICA DE ACESSO DO SESC

Outra questão fundamental desse processo, e que modificou a relação do público com a unidade, foi a abertura dos portões do Sesc Itaquera, em agosto de 2014, para os frequentadores em geral, isentando-os de qualquer cobrança financeira. Essa mudança foi implementada no intuito de fortalecer o conceito da rede Sesc, aperfeiçoando processos institucionais. Tal intenção é expressa nas palavras de Danilo Santos de Miranda, diretor regional do Sesc, como consta em fala de 19 de dezembro de 2013:

A ideia central é o fortalecimento da ação institucional do Sesc São Paulo e, conseqüentemente, explicitar a atuação em sintonia de uma rede integrada de serviços e atividades, cujos princípios e orientações são comuns, mesmo em situações muito peculiares e específicas. Não podemos esquecer que o Sesc é um só, nossa ação que é múltipla.

Essa alteração que isenta o público de pagar pelo acesso vem modificando significativamente a dinâmica da unidade, colocando-a de uma vez ao alcance da comunidade e entorno. Dessa forma, novos públicos se formaram, e o frequentador permitiu-se olhar para além do parque aquático, experimentando novas possibilidades que pudessem despertar seu interesse, ampliando assim a base regular de frequentadores nos espaços, em especial os esportivos, mas influenciando de alguma maneira a programação da unidade como um todo. Foi preciso então reforçar o caráter inclusivo da prática esportiva e fortalecer a convivência, dialogar e garantir noções de direitos e deveres, reconhecendo a necessidade do olhar mais apurado para o respeito ao equipamento, aos funcionários e aos demais recreandos.

DETALHAMENTO DO PROCESSO DE RECREAÇÃO ESPORTIVA DE FUTSAL

Todos os finais de semana, mais de duas centenas de praticantes, em sua maioria homens, visitam a unidade em busca de sua prática. Os horários mais procurados são os da manhã, sempre no contra turno das transmissões esportivas de futebol na televisão, que acontecem aos sábados e domingos à tarde. O público é bastante heterogêneo no que diz respeito à idade, experiência na modalidade e local de origem, sendo oriundo de vários bairros da região leste de São Paulo. Essa heterogeneidade parece não influenciar as relações dentro do jogo, ou nos espaços de espera, conhecido como o grupo do *próximo*.

A modalidade que mais atrai praticantes para a unidade é também a mais difícil de ser mediada pela equipe de instrutores de Educação Física, devido ao caráter violento que o próprio jogo produz: muito contato físico gerando lesões e tensões. Além disso, o próprio Sesc modificou recentemente as regras de gestão do espaço, passando a mediar as atividades nos dias de maior movimento.

Durante anos, os praticantes tiveram total autonomia no formato de recreação, e essa questão, ao invés de produzir maior respeito e liberdade, resultou na falta de diálogo e no uso pouco democrático do espaço. As equipes eram formadas logo pela manhã e durante o dia, as outras pessoas

que chegavam tinham dificuldades para entrar nas equipes, ficando à mercê da oportunidade dada aos *novos participantes*. As equipes que ganhavam os jogos permaneciam jogando, dificultando a entrada de outros grupos, aumentando o tempo de permanência de espera, superior a duas horas. Outros problemas eram as muitas agressões entre os recreandos e o desmedido uso de força no jogo; necessidade de avaliação de qualidade técnica individual para fazer parte dos times, relato também encontrado em outros estudos sociológicos do esporte, com destaque para S. Mariovoet (1998, p.31): “para ser aceito, um potencial integrante necessita passar por um teste capaz de mostrar que tem ‘capital esportivo’ compatível com a equipe que o receberá”.

Em vista do cenário exposto, também em agosto de 2014, a instituição começou um trabalho gradativo para mediar a prática dessa modalidade. No início, houve resistência por parte dos usuários em relação aos profissionais do Sesc, mas hoje, o público reconhece que a indisposição diária anterior diminuiu, e que somente alguns *personagens* continuam a se posicionar contrários à instituição. Entretanto, a grande maioria parece ter percebido bem a proposta e sentiu no próprio clima, maior tranquilidade e leveza no ambiente para praticar esportes.

No formato atual de gestão, os funcionários mediam a atividade, dialogam com todos e garantem a participação. A divisão é feita mediante ordem de chegada e todos jogam, independente de ter ou não experiência pregressa na modalidade. O sistema de jogo consiste em oito minutos consecutivos, e a equipe que ganha o seu jogo só poderá ficar na quadra por no máximo outras três partidas. Em caso de empate, ambas as equipes deixam a quadra dando lugar a outras duas. Esse sistema favorece o rodízio e um maior acolhimento e atendimento das pessoas. Os números indicados pela equipe de programação comprovam um bom aumento na quantidade de pessoas que passaram a frequentar a atividade, antes restrita a grupos menores, chegando agora em dias de grande movimento a até 250 pessoas por dia.

DETALHAMENTO DO PROCESSO DE RECREAÇÃO ESPORTIVA DE VOLEIBOL

Frequentada por pessoas em sua maioria com mais experiência, alguns com mais de dez anos de prática ininterrupta, seja fora ou dentro do próprio Sesc. Por suas características, o voleibol exige maior familiaridade com a prática para que o jogo pleno aconteça, e essa questão central, permeia as relações sociais que compõem o ambiente das recreações da modalidade, seja no ginásio de esportes (alvo da pesquisa), em quadra externa aberta ou no espaço de areia. Explicando melhor, quanto menor

o contato com a prática do voleibol, mais difícil a inserção de um participante no jogo e conseqüentemente a aceitação do frequentador no grupo já estabelecido. Com relação aos gêneros, há um equilíbrio entre homens e mulheres, e as faixas etárias são diversas, com predomínio entre os 18 e 30 anos. Uma questão que surgiu nas entrevistas é a da sexualidade. Foi bastante destacado pelos praticantes que o voleibol é um esporte procurado por homossexuais, e que a atividade é um ponto de encontro para o grupo, seja no Sesc Itaquera, seja em outras unidades do Sesc, bem como em diferentes espaços que promovem a modalidade.

É evidente que homens heterossexuais integram grupos de voleibol, porém, em menor número. No caso das mulheres, não se evidenciou nas entrevistas a questão da orientação sexual. No voleibol a percepção do público sobre o formato entre os períodos sem mediação do Sesc e a migração posterior para o gerenciamento da instituição é bastante dividida. Fatores como a possibilidade garantida de participação, regras mais claras e a não necessidade de experiência pregressa, dividiu opiniões do grupo de praticantes. Atualmente, após a entrada do Sesc no espaço de maneira mais ampla, colhi impressões dos frequentadores que o espaço está bastante democrático, familiar e que privilegia a participação de todos.

Notamos que existe um número maior de frequentadores que entendem a intenção do Sesc ao mediar o espaço e que atuam como embaixadores da proposta. Entretanto, os mais antigos, mais experientes e tecnicamente melhores ainda não apreciam a presença dos instrutores, ainda que tolerem a mudança por não poder resolver essa questão. Nas entrevistas, notamos certos códigos que são muito presentes no universo dos voleibolistas, como a opção pelo formato de jogo de quatro contra quatro jogadores, mesmo que para isso eles tenham que esperar muito mais tempo para jogar do que normalmente teriam se o jogo fosse disputado em sua versão tradicional de seis contra seis. Isso, segundo os próprios participantes, acontece pois nem todos sabem fazer corretamente o rodízio, que significa movimentar-se lateralmente ou verticalmente ao fim de cada ponto disputado e de acordo com as regras estabelecidas pela modalidade. Para isso acontecer, eles teriam que *ensinar* constantemente os jogadores, a toda troca, e o jogo ficaria muito parado. Por isso há a opção pelo quarteto na maioria das vezes.

O SESC SP COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE NA CAPITAL

A partir da reflexão sobre as respostas dos praticantes de esportes, podemos afirmar que, aos olhos dos frequentadores, o Sesc é valorizado, entre outros aspectos, como espaço de encontro e sociabilidade. Dessa forma, enquanto equipamento de lazer na cidade, segundo R. C. Galante:

O Sesc se caracteriza como um espaço coletivo, no qual circulam diferentes públicos, diferentes atores sociais, que se apropriam do mesmo e fazem dele o seu pedaço, mesmo tendo ao lado pessoas desconhecidas, que teoricamente não fariam parte do círculo de amizade ou com as quais não possuem laços de parentesco (2014, p. 8).

Como já mencionado anteriormente, a modalidade voleibol é a que apresenta um circuito mais desenvolvido e efetivo do ponto de vista da participação de um grande número de pessoas, fato ressaltado pelos próprios recreandos que mencionam recorrentemente que circulam regularmente entre as unidades do Sesc na capital paulista para praticar o esporte.

RESULTADOS DAS ENTREVISTAS E ESTRATÉGIAS

Entendendo que as entrevistas são “um ouvir todo especial” (OLIVEIRA, 1998, p. 22) e que deveriam obedecer ao “princípio de diversificação das pessoas” (RUQUOY, 1997, p. 103), estabeleci abaixo uma compilação com algumas das principais citações colhidas, divididas por modalidade.

Futsal: Grande parte dos praticantes regulares são homens, com idade média entre 18 e 30 anos. Somente algumas vezes presenciei meninas jogando nos horários mais disputados. A maioria dos entrevistados reforça em suas falas que a prática esportiva no Sesc proporcionou a eles novas possibilidades de conhecer pessoas e essa condição é reforçada por muitos como uma das questões que os fazem voltar, sentir-se bem em grupo, em tese, de pessoas desconhecidas. Independente do número de vezes que frequentam o Sesc, os entrevistados demonstraram certa organização de seu calendário semanal, com dias fixos, horários combinados e uma rotina mais planejada de suas preferências de lazer.

Outra questão que apareceu é a de que o Sesc é parte da rotina das pessoas, mas não o único espaço que costumam frequentar quando o assunto é prática de esportes. Na grande maioria dos casos, os entrevistados declararam que o sistema de gerenciamento adotado pela unidade nos espaços esportivos apareceu sempre como um dos diferenciais para a escolha do local, como nas falas: “*Considero os diferenciais do Sesc, o fato de oferecer professores tomando conta, a organização e a utilização de coletes; me mantenho pela qualidade, presença de um professor, controle do tempo, montagem das equipes, enfim aprovo a organização do espaço cuidado pelo Sesc*”.

Ainda em relação aos diferenciais do Sesc, são citados: equipamento, limpeza geral, estrutura, diversidade de possibilidades e principalmente os materiais; as bolas, sempre novas, foram questões levantadas por um relevante número de entrevistados. A violência do jogo em si, a qual

presenciei durante a pesquisa, parece não ter tanta relevância para os integrantes deste grupo. Seus códigos próprios, colhidos por mim nas *esperas* do lado de fora da quadra, são bastante repetitivos e presentes no universo dos *boleiros*, com destaque para assuntos como a figura da mulher, o futebol profissional-brasileiro e internacional e a própria partida que jogam, que, segundo eles mesmos, servem para diminuir o estresse e passar o tempo.

Quanto ao trajeto realizado na unidade, há certo padrão: a maioria dos usuários costuma entrar na quadra e só sair para ir embora, visto que muitos trazem a própria comida e não costumam frequentar outras atividades ofertadas pela Unidade. O horário padrão que os orienta nos finais de semana é sempre iniciado pela manhã, com saída anterior às 15h, para dar tempo de assistir ao futebol profissional pela televisão. A exceção citada nas entrevistas, sobre o trajeto, é a participação em atividades esportivas realizadas bem próximas ao ginásio, como o tênis de mesa, parque aquático em alguns dias do ano e alguns shows de grande porte que acontecem no maior palco da unidade. No caso dos shows, muitos disseram não conhecer os músicos que se apresentam regularmente.

Voleibol: No trabalho de campo fica evidente a maior participação feminina em relação ao futsal, fato significativo para o Sesc, visto que pesquisas recentes apontam que a presença feminina ainda é bastante escassa em atividades de lazer que envolvam práticas esportivas regulares. Com relação à percepção dos recreandos, o Sesc é um excelente espaço para prática da modalidade, entretanto, a maioria das pessoas relatou fazer uso regular também de outros espaços, o que faz com que exista uma comparação mais evidente com relação ao formato adotado pelo Sesc. Fica bastante claro que o público estudado, os voleibolistas, é mais crítico com a gestão do Sesc e preferiria jogar como no esquema anterior, com a administração sendo feita por eles próprios. Há uma boa parcela de participantes, em especial os mais habilidosos, que, segundo os entrevistados, ainda não aceitou os valores propostos pela instituição, e usam alguns argumentos para justificar esse posicionamento: *“Os grupos não querem sair da quadra após certo número de partidas; a rede não deveria ser alterada para possibilitar a mulher jogar etc.”*.

Nas entrevistas que fiz, interpretei que muitos se consideram especialistas na modalidade e que isso parece desencadear uma relação mais difícil na convivência com a equipe do Sesc. Observam-se argumentações constantes, negociações e tratativas diárias, porém, um pouco menos agressiva que no futsal, não atingindo estágios de violência entre os participantes e funcionários.

Alguns recreandos disseram frequentar a unidade há quinze anos, outros há dez, período bem superior ao do público do futebol. Outra questão interessante da modalidade é a escolha pelo formato de jogo de quatro contra quatro, mesmo que para isso os frequentadores tenham que esperar mais tempo do lado de fora. Segundo disseram alguns entrevistados: “quer arrumar briga, tentem mudar esse sistema de jogo”. A possibilidade de prática do voleibol em outros espaços, como as quadras externas e de areia, é algo interessante e também citado por eles: “Permite conhecer melhor a unidade, tomar um sol na quadra externa ou na areia, favorecendo a melhoria no jogo”. Para não perder tempo, pois se consideram *fominhas*, os jogadores de voleibol também não saem muito da área em que estão disputando os jogos. Só o fazem para ir ao banheiro ou participar de atividades rápidas, que não exijam inscrição prévia e que permitam o abandono a qualquer momento. Entre elas, destacamos, à época do estudo realizada ao lado da quadra de voleibol, o tênis de mesa e a recreação de skate. Na observação da equipe de programação do Sesc, era sempre mais frequente ver alguns voleibolistas, facilmente identificados pelo uniforme e joelheira, participando de aulas diferentes na varanda do ginásio, espaço de realização de aulas diversas.

Entre os diferenciais da recreação do Sesc foram apontados o equipamento de qualidade e o material esportivo. Contudo, outros elementos também apareceram com bastante força: um ambiente melhor, mais familiar e com mais leveza, este, fato reforçado por um recreando como um espaço de inclusão, que acolhe as diferentes orientações sexuais e experiência na modalidade. A relação social construída por meio da convivência no espaço foi relatada por outro participante, que diz possuir mais de 380 contatos dos jogadores da recreação em suas redes sociais, o que parece ser um fator que potencializa outras questões de convivência social.

Uma questão polêmica envolveu a sexualidade, fato que surgiu na maioria das conversas. Alguns recreandos citaram que a maioria do público frequentador da modalidade é homossexual, mas que esse fato não apresenta questões impeditivas à convivência do grupo como um todo. Um relato em especial chamou minha atenção. Pude perceber como o esporte exerceu um papel fundamental no exercício da convivência com pessoas diferentes por meio de um relato que mostrou aspectos como o respeito e a tolerância sendo naturalmente discutidos e tratados na convivência com o grupo, conforme a fala: *“Na questão da sexualidade, achei bacana a ação do Sesc por incluir todas as opções sexuais no mesmo espaço, porém, assumo que não convivia bem com o grupo dos homossexuais. A convivência de somente cinco meses com os diferentes, quebrou em mim um preconceito histórico contra eles”*.

O QUE FICA PARA A UNIDADE ITAQUERA APÓS A REALIZAÇÃO DESSE ESTUDO

Como exercício de aprofundamento sobre o importante grupo dos recreandos esportivos, base diária de público e de fundamental importância para o equipamento, pudemos compreender melhor a relação dos praticantes com as modalidades por eles adotadas.

Acredito que o presente estudo possa servir de pontapé para que a instituição se pautasse sempre pela busca de uma descrição mais profunda da realidade, buscando sempre refutar generalizações e ampliando o olhar cuidadoso para as pessoas que frequentam as unidades do Sesc.

Dessa forma, com mais conhecimento dos objetivos e interesses de seu público, as propostas programáticas planejadas pela equipe Sesc poderão ter maior direcionamento e alcance, respeitando os anseios de quem se apropria da programação, ou potencialmente poderia se apropriar dela, sempre em consonância com os valores institucionais das ações desenvolvidas. Como percebido na avaliação de campo, poucos recreandos costumam se ausentar dos espaços esportivos devido à dinâmica das atividades, entretanto, alguns chegam a comentar que não participam de outras atividades por desconhecerem sua existência. Diante dessa questão, a unidade poderia repensar a utilização de novos suportes de comunicação nos espaços esportivos para que a informação possa fluir melhor e que gradativamente esse público sintasse convidado a explorar mais as outras atividades.

CONCLUSÃO

Este estudo buscou compreender de que maneira acontece o associativismo de um grupo de praticantes de futsal e voleibol na cidade de São Paulo, especificamente no equipamento de lazer chamado Sesc Itaquera. Esta pesquisa foi realizada entre os meses de fevereiro e abril de 2014. Investigar esse universo particular permitiu constatar que o associativismo esportivo se pauta por inúmeros tipos de interações sociais, as quais ocorrem dentro e fora do campo de jogo. Observamos vínculos de parentesco, relações profissionais, aproximações por companheirismo, mas, em especial, encontramos vínculos esportivos e de amizade. São essas relações que fazem as pessoas da recreação se encontrar em todos os finais de semana: é por gostarem de esporte e por compartilharem relações de amizade que os encontros se mantêm. Contudo, ressaltamos que mesmo sendo esses os alicerces do associativismo estudado, não significa que todos os integrantes compartilhem desses vínculos igualmente. Deve-se ter o cuidado de não validar as análises de um grupo para uma análise em escala individual. Os significados que cada integrante atribui à recreação variam. Mesmo que todos se

aproximem no que se refere ao gosto pelo futsal e pelo voleibol, alguns deles fazem parte da recreação apenas por essa razão, enquanto outros permanecem nela também por relações de amizade e sociabilidade.

Outro fato fundamental neste estudo foi a compreensão da inconsonância entre as expectativas dos recreandos, público foco do equipamento, e as dos agentes do Sesc que as gestam. Nesse caso, fica claro que os objetivos são bastante distintos ainda, e o desafio da instituição é aproximá-los. Stigger denomina essas questões como “desencontros culturalmente significativos” (2007, p. 31).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, M. *Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003.

DAMO, A. S. A rua e o futebol. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F.; SILVEIRA, R. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 51-70.

GALANTE, R. C. *O Sesc na copa – um olhar sobre o Sesc como espaço de socialização e assistência aos jogos do Brasil durante a Copa do Mundo de Futebol*, 2014, p.8. Artigo apresentado na conferência World Leisure Congress, realizado em Durban, África do Sul, em junho de 2016.

MARIVOET, S. *Aspectos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizontes, 1998.

MAGNANI, J. G. C. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

_____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 1998.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 17-35.

RUQUOY, D. Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In: ALBARELLO, L. et al. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 1997, p. 84-116.

STIGGER, M. P. Estudos Etnográficos em Esporte e Lazer: pressupostos teórico metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. (Orgs.). *O Esporte na Cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 31-50.